

AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO INTERDISCIPLINAR EXTRACURRUCULAR NA FORMAÇÃO DE UM GRUPO DE ALUNOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA. Sandra Fernandes de Freitas; Josefa Emília Lopes Ruiz; Leandro Osni Zaniolo; Mari Elaine Leonel Teixeira; Morgana Múrcia Ortega; Taísa Borges de Souza – (Equipe CENPE/FCL/UNESP/Araraquara). Eixo Temático: Projetos e Práticas de Formação de Professores.

O Programa de Estágio Interdisciplinar Extracurricular aos alunos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras tem como objetivo oferecer a estes alunos a oportunidade para ampliar a formação acadêmica, através de experiências teórico-práticas, na área de dificuldades escolares, sob a supervisão da equipe de profissionais do CENPE – Centro de Pesquisas da Infância e da Adolescência “Dante Moreira Leite”, Unidade Auxiliar da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Esta proposta vem ao encontro dos objetivos de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, e também do CENPE, tendo em vista a formação dos alunos, com atendimento extensivo à comunidade. Além disso, este trabalho também possibilita o desenvolvimento de novas pesquisas neste Centro, gerando conhecimentos inéditos bem como o aperfeiçoamento da prática profissional. Outro aspecto que justifica o trabalho é a grande procura e interesse de estágio pelos alunos na área da aprendizagem e das dificuldades escolares. Na fala dos alunos destaca-se a necessidade de contato direto com a criança que apresenta essas dificuldades, para que possam conhecer os vários fatores que estão envolvidos na aprendizagem e suas dificuldades para que com essa experiência possam atuar posteriormente com maior segurança e autonomia na sua prática docente.

Este estágio procura dar ao aluno uma formação complementar interdisciplinar, já que integram o programa, profissionais de diferentes áreas do conhecimento (a fonoaudiologia, a psicologia, a psicopedagogia e o serviço social) que contribuem com sua especificidade para a formação do pedagogo, proporcionando uma visão global da criança no seu processo de aprendizagem. Embora cada uma dessas profissões tenha diferentes formas de atuação e saberes, o aluno de pedagogia pode agregar

conhecimentos das diversas áreas no seu trabalho pedagógico. Assim, a formação do aluno de pedagogia neste trabalho vai sendo construída nas condições concretas que se efetivam.

Quando falamos em interdisciplinaridade gostaríamos de lembrar o que nos coloca (MASINI, 2003):

A interdisciplinaridade surgiu das necessidades do ser humano, no seu viver e na busca de compreendê-lo, necessidades que exigiram interconexões dinâmicas das ciências físicas e sociais, artísticas, para alcançar a totalidade das relações do homem com o mundo. (MASINI, p.35. 2003).

Essa mesma relação, podemos fazer quando falamos em aprendizagem e suas dificuldades, pois devido a sua complexidade, vários fatores precisam ser considerados no sentido de identificar a etiologia do problema, e conseqüentemente, encontrar caminhos que possam facilitar o processo de aprendizagem da criança. Existem duas condições para que a aprendizagem ocorra: as externas que são definidas pelo ambiente e as internas que definem o sujeito. Precisamos entender esta interrelação dos fatores sócio-culturais, familiares e escolares proporcionados pelo meio, com os fatores orgânicos, afetivos, cognitivos inerentes ao sujeito que aprende, pois eles se afetam mutuamente. Assim, acreditamos que estes devam ser estudados em seu aspecto dinâmico. Tal complexidade levou a necessidade da interdisciplinaridade, pois há um pluralismo de perspectivas de situações, em diferentes áreas do conhecimento (educação, psicologia, neurologia, sociologia, etc), para a compreensão das dificuldades de aprendizagem. É preciso integrar essas várias áreas do conhecimento a fim de instaurar um novo nível de discurso e um novo nível de compreensão.

Em nossa experiência no CENPE, percebemos o aumento na demanda de atendimento a crianças com dificuldades de aprendizagem escolar e queixas associadas. Muitas dessas crianças foram incluídas no sistema de ensino regular, porém, não conseguem acompanhar o conteúdo ministrado em sala de aula.

É importante esclarecer que utilizamos o termo dificuldades escolares, para as crianças que procuram o nosso atendimento, pois acreditamos que antes de uma avaliação não podemos diferenciar se a criança apresenta uma dificuldade ou um distúrbio de aprendizagem. Como

nos coloca (CAPELLINI, 2008) o diagnóstico, é um processo árduo,

Pois exige do profissional o conhecimento de questões relacionadas aos aspectos, sociais, e educacionais, uma vez que há um grande número de crianças que apresentam dificuldades para aprender e isto não necessariamente pode significar um sinal da existência de um transtorno de aprendizagem específico ou o distúrbio de aprendizagem. (CAPELLINI, p. 96, 2008).

Nesse contexto, diferenciar dificuldades e distúrbios de aprendizagem torna-se fundamental, embora existam divergências de conceitos entre vários autores. Em nosso trabalho aproximamo-nos da visão de (ZORZI, 2004) que coloca que:

Os problemas relativos as dificuldades de aprendizagem, manifestam-se fundamentalmente em situações mais formais de ensino, principalmente no ambiente escolar e se refletem, em geral, na diminuição do desempenho acadêmico, principalmente na área da linguagem escrita e do cálculo, podendo levar até mesmo ao completo fracasso escolar. [...] Podemos ter problemas de natureza emocional, metodológica, motivacional, social/econômica, dúvidas pontuais de natureza meramente acadêmica, entre outros. (ZORZI, 2004)

O autor adota a definição do National Joint Committee of Learning Disabilities (1980) segundo o qual:

O distúrbio de aprendizagem corresponde a um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso de habilidades para ouvir, falar, ler, escrever e realizar cálculos matemáticos, embora o distúrbio de aprendizagem possa ocorrer concomitantemente com outras condições deficitárias (como distúrbios sensoriais, deficiência mental, distúrbios sociais e emocionais), ou influências ambientais (diferenças culturais, instrução ineficiente ou inapropriada, não é resultado direto de tais condições ou influências. (apud ZORZI, 2004)

Temos observado em nossa prática, no contato com alunos e professores da rede pública, dados também observados por ZORZI (2004) em seus estudos, que é o uso indiscriminado do termo distúrbio de aprendizagem para se referir a um grande número de casos, centrando o problema na criança quando muitas vezes eles são devidos a fatores de ordem pedagógica/metodológica, refletindo a necessidade de um espaço de

estudo e reflexão na formação para atingir um conhecimento que faça diferença no contato com o aluno com defasagens na aprendizagem.

Essa diferença na atuação, proporcionará diferentes e adequadas formas de intervenção e encaminhamentos ao futuro professor em sala de aula e contribuirá para que os alunos que possuem formas diferentes de aprender, possam ser olhados em sua singularidade.

Entendemos que desta maneira estaremos contribuindo para um perfil do professor inclusivo.

Atualmente com o processo de inclusão de crianças com necessidades educativas especiais o professor precisa estar preparado para trabalhar com essa diversidade.

Entendemos que o processo de inclusão deve ser gradativo e não se constituirá apenas por decreto. Não podemos nos enganar, se a inclusão não for realizada de forma adequada, se tornará de forma sutil ou evidente em exclusão. Dessa forma, (CINTRA et al, 2009), coloca que, para que o processo de inclusão de crianças nos sistemas de ensino regular ocorra é necessário avaliar as reais condições de inclusão dessas crianças para que este processo se dê de forma satisfatória, porém o que se observa é que este processo ainda deixa a desejar devido a vários fatores, dentre eles o despreparo de professores para lidar com as crianças incluídas. O que vemos são crianças e professores desmotivados, pois muitas vezes apesar do seu esforço em atender essas crianças, não sabem efetivamente como fazer. Esta também é uma queixa das alunas quando chegam para o estágio, pois colocam que se sentem inseguras e com medo de não saber o que fazer diante de uma sala de aula, mesmo as alunas que já estão passando pela experiência do estágio curricular, no qual são incluídas atividades de observação e possíveis atuações pontuais junto à criança.

Nosso objetivo com este trabalho é preparar o pedagogo em formação da Faculdade de Ciências e Letras, de Araraquara, para lidar com o educando em seu ato de aprender, proporcionando-lhes recursos ao para uma atuação diferenciada em sala de aula.

Este programa de estágio teve início em Março de 2001 e permanece até a presente data. Desde então, anualmente são selecionados entre 10 e 15 alunos do 2º, 3º e 4º anos do Curso de Pedagogia desta

Faculdade.

Além dos alunos beneficiam-se deste trabalho crianças com dificuldades escolares e queixas associadas nas áreas de linguagem e comportamento que são encaminhadas pela comunidade (escolas, postos de saúde, etc) e também pela própria família quando esta tem conhecimento do trabalho que é realizado neste Centro.

O programa é estruturado com as seguintes atividades:

- Grupo de Estudos: Neste momento são discutidos temas sobre o desenvolvimento infantil e cognitivo, aprendizagem, desenvolvimento da linguagem oral e escrita, dificuldades e distúrbios de aprendizagem, problemas de comportamento, desenvolvimento do grafismo, entre outros e instrumentos de avaliação que o pedagogo pode utilizar para investigar o nível de aprendizagem nas áreas da linguagem, escrita, cálculo e aspectos emocionais, dentre outros. Também faz parte do programa o desenvolvimento de Oficinas de atividades com o objetivo de conhecer e confeccionar materiais e jogos pedagógicos visando enriquecer o repertório de instrumentos de intervenção do professor, além de proporcionar formas alternativas de intervenção junto a criança que muitas vezes chega desmotivada, saturada ou contaminada com as atividades formais de aprendizagem oferecidas.

- Avaliação das crianças com dificuldades escolares: Neste momento a avaliação é realizada pelas profissionais da equipe e a participação das alunas acontece através da observação. Inicialmente da entrevista de anamnese com os pais e em seguida da avaliação com as crianças, a qual é realizada em grupo. As alunas acompanham as profissionais na aplicação dos instrumentos observando sua forma de interagir com as crianças. Recebem orientação e vão para a escola de cada criança para realizarem a entrevista com o professor com o objetivo de obter informações da criança em sala de aula e também a visão da professora sobre esse aluno e como ela realiza seu trabalho com esse aluno. Após a avaliação é discutido cada caso. As alunas elaboram um relatório sobre o que foi observado no processo de avaliação. Quando necessário os grupos são reorganizados para melhor atender as necessidades das crianças. A partir desse momento as estagiárias assumem o acompanhamento pedagógico das crianças que geralmente são realizados por duplas de estagiárias.

- Intervenção: É realizada pelas alunas com grupo de até 05 crianças onde são desenvolvidas atividades diversas considerando o nível de aprendizagem escolar das crianças avaliadas e outras necessidades observadas.

- Supervisão: todo trabalho desenvolvido pelas alunas é supervisionado pela equipe de profissionais do CENPE (psicólogos, psicopedagogo, fonoaudiólogo e assistente social). Após cada atendimento são realizadas sessões semanais das profissionais com seus respectivos grupos de estagiárias e juntas discutem a sessão realizada e preparam as próximas atividades. Esta preparação também envolve a pesquisa e confecção de materiais/jogos pelas estagiárias. Na supervisão, além dos aspectos pedagógicos e o desempenho das crianças diante das atividades, é discutido também a atuação das estagiárias, sendo este um espaço para compartilhar suas dificuldades, ansiedades, angústias e sucessos diante de seu trabalho.

Após tecer algumas considerações e apresentar a estrutura do programa de estágio apresentaremos a avaliação deste modelo de estágio que foi respondido por 15 alunas que participaram deste programa nos anos de 2007 e 2008.

Quando as alunas iniciaram o estágio responderam a um questionário enunciando suas expectativas. Ao concluírem o estágio, foi solicitado que avaliassem sua experiência, respondendo a seguinte questão: Considerando minhas expectativas iniciais, como estou saindo? Comparando suas respostas nas duas etapas início e término do estágio, obtivemos as seguintes informações em relação às expectativas iniciais: Ajuda na superação de dificuldades das crianças; estudo sobre aprendizagem e suas dificuldades; contato com a prática; interesse por área de educação especial e dificuldades de aprendizagem; contribuição para a formação profissional; oportunidade de relacionar teoria/prática. Na avaliação realizada no término do processo, destacam-se: aprendizagem de novos conteúdos; nova compreensão sobre o processo ensino/aprendizagem; confirmação de interesse para atuação profissional; maior preparo para atuação prática e da formação; possibilidade de relacionar teoria/prática; necessidade de continuar estudos na área de aprendizagem; descoberta de qualidades e habilidades individuais; maior segurança no contato com a criança e sua família; crescimento pessoal; importância do trabalho interdisciplinar.

Considerando a avaliação realizada, acreditamos que o estágio, da forma como está estruturado, tem alcançado resultados positivos, atendendo as expectativas dos alunos, contribuindo para sua formação profissional e pessoal, ajudando a confirmar interesses e orientar futuras atuações.

Assim sendo, o grupo de estudos, a supervisão e o contato direto com a criança são fundamentais na formação do aluno de Pedagogia, aprimorando sua formação, reduzindo angústias e inseguranças próprias da formação inicial. O estágio extracurricular também proporciona uma oportunidade de suprir possíveis lacunas existentes na formação do pedagogo.

Palavras chave: avaliação – estágio – interdisciplinaridade

Referências Bibliográficas:

CAPELLINI, S. A., et al. Avaliação e diagnóstico Fonoaudiológico nos distúrbios de aprendizagem e dislexias. In: ZORZI, J.; CAPELLINI, S. *Dislexia e outros distúrbios da leitura – escrita: letras desafiando a aprendizagem*. São José dos Campos: Pulso, 2008.

CINTRA, G. M.S.; RODRIGUES, S. D.; CIASCA, S.M. Inclusão escolar: Há coesão nas expectativas de pais e professores? In: *Revista de Psicopedagogia/Associação Brasileira de Psicopedagogia*. 2009, v.26, n.79, p. 55-64.

MASINI, E.F.S. Aprender – portal para a inserção social. In: AMARAL, S. (Coord). *Psicopedagogia – um portal para a inserção social*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

ZORZI, J. *Os distúrbios de aprendizagem e os distúrbios específicos de leitura e escrita*. São Paulo, 2004. Pesquisa apresentada como material do Curso de especialização em linguagem do CEFAC, São Paulo.